

## **A Análise do Discurso e seu trajeto na UFMG: breves considerações**

### ***Discourse Analysis and its path at UFMG: brief considerations***

**Glauca Muniz Proença Lara**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.  
gmplara@gmail.com

**Ida Lucia Machado**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.  
idaluz@hotmail.fr

**Wander Emediato**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.  
wemediato@hotmail.com

A Análise do Discurso fez notáveis avanços na área dos Estudos Linguísticos, tornando-se parte integrante e de importância considerável em diferentes Programas de Pós-Graduação em todo Brasil. Em Minas Gerais, particularmente, destacam-se os esforços pioneiros dos pesquisadores em Análise do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais que, desde 1993, vêm trabalhando para conferir à disciplina a legitimidade e credibilidade que ela merece.

O que distingue a Análise do Discurso (AD) de outras teorias que também trabalham com a linguagem? Entre várias respostas possíveis, sublinhamos o fato de que ela é basicamente interdisciplinar: focalizando

diferentes tipos e gêneros de discurso, empenha-se em interpretá-los de acordo com a posição que eles ocupam na sociedade em que foram produzidos, levando em conta, nesse processo, não apenas os pontos de vista explícitos, mas também os implícitos, uma vez que tanto uns quanto os outros veiculam sentido(s). Em outras palavras, para a AD não é possível analisar discursos se forem negligenciados elementos ou categorias vindos da dimensão social que os envolve. Tal dimensão abrange aspectos da História, da Política, da Psicologia Social, da Sociologia, da Comunicação Social, entre outros, como se pode notar no leque diversificado de discursos que servem de objeto de análise para os pesquisadores. É isso que dá à AD sua “carta de identidade” face a outras disciplinas, o que nos mostra que ela é única, embora se mostre múltipla em sua constituição. É única visto que, seja nesta ou naquela corrente teórica, opera a partir de um instrumental linguístico-discursivo; é múltipla por essa sua natural interdisciplinaridade, que está intrinsecamente ligada à sua criação.

A Análise do Discurso, enquanto integrante das ciências da linguagem e, mais especificamente, dos Estudos Linguísticos, tem-se empenhado em conquistar seu lugar e definir sua posição, sua metodologia e seus objetivos, pois, se, de um lado, tem sua base na linguística, de outro, tem também como objeto de estudo o domínio do vasto – e, por vezes, escorregadio – *discurso* (tomado não apenas como a materialização do texto verbal, mas também do texto não verbal: visual, sonoro etc.). Nessa perspectiva, a AD, ainda que mantendo suas raízes e conceitos de base em uma *linguística discursiva*, busca subsídios em outras disciplinas e teorias. Assim agindo, ela vem-se tornando cada vez mais apta a oferecer soluções de análise para o estudo dos diferentes *corpora* que lhe são apresentados. Tal fato tem propiciado o diálogo entre as diferentes disciplinas que trabalham com o discurso – e elas são muitas – e as diferentes correntes de análise do discurso que existem atualmente.

Devemos dizer que a Análise do Discurso sempre foi uma disciplina “ousada”, no sentido de que sempre contou com seus próprios instrumentos de análise e, mais que isso, com seus próprios quadros teóricos e metodológicos. Como a Pragmática (mas com procedimentos diferentes), ela se deu por objetivo analisar a linguagem em ação, assim como também procurou identificar os efeitos possíveis dos usos languageiros em sua busca de construção de sentidos. Dessa maneira,

não é nada surpreendente que a AD tenha decidido manter-se em uma espécie de “encruzilhada” e defenda a interdisciplinaridade como um de seus componentes, como já dissemos: é ela que faz a diferença e que aparece em todos os modelos ou metodologias dessa disciplina.

Ter a pretensão de que “uma” AD seja melhor que outra(s) é algo que não deve entrar no quadro de preocupações dos analistas do discurso. Há que se ter por norte que é preciso respeitar as diversidades e os referenciais teóricos que as diferentes correntes assumem. Talvez isso seja um princípio básico que se deve, de certo modo, à AD fundada por Pêcheux: ao surgir como disciplina, nos anos 1960, ela já partia de várias hipóteses e reunia diferentes teóricos e disciplinas das ciências humanas. Os analistas do discurso de hoje, em sua grande maioria, não se esqueceram dessa lição e sabem que é a ciência que sairá perdendo se certos modelos de AD se tornarem dominantes ou por demais autoritários. Como disciplina essencialmente crítica, ela não pode fugir à autocrítica. Na verdade, o analista do discurso luta para manter sua disciplina, a AD, no âmbito da linguística (mesmo se algumas abordagens a transcendem, como já foi dito), mas, ao mesmo tempo, defende a diferença de metodologias e de teorias analítico-discursivas, pois sabe que, agindo dessa forma, estará trabalhando para sua liberdade enquanto pesquisador e para a liberdade dos pesquisadores que lhe sucederão.

Assim, como já havia dito Maingueneau (1995), também afirmamos que não há uma só AD, mas várias ADs. Além disso, nas palavras do citado pesquisador, há que se ter em mente “que os estudos sobre o discurso são também discursos” (ib., tradução nossa).

## **1 A Análise do Discurso que praticamos no NAD**

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Análise do Discurso desenvolveu-se no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, graças ao NAD – *Núcleo de Análise do Discurso* –, criado por Ida Lucia Machado e Wander Emediato, com a preciosa ajuda de Patrick Charaudeau (Universidade de Paris XIII) e de outros futuros pesquisadores em AD, no ano de 1993. Seguindo o modelo do *Centre d'Analyse du Discours* - CAD de Paris XIII, o Núcleo, que anteriormente se denominava “Centro de Análise do Discurso”, foi oficializado, em 1996, pela Congregação da FALE/UFMG, tornando-se

o primeiro laboratório ou centro de estudos com a designação “núcleo” na referida faculdade.

Por meio do NAD foram empreendidas várias atividades que tiveram boa repercussão e muito cooperaram para concretizar a integração da Análise do Discurso (AD) à pós-graduação da UFMG. Além da publicação de várias coletâneas, reunindo artigos de pesquisadores brasileiros e franceses, desde 1998 até os dias de hoje, destacamos os dois Projetos de Pesquisa que ligaram a UFMG à Universidade de Paris XIII, no âmbito de Acordos de Cooperação CAPES/COFECUB, durante os períodos de 1994 a 1998 e 2000 a 2004. Esses projetos favoreceram o contato e a troca de informações entre pesquisadores do Brasil e da França, professores e estudantes do PosLin (FALE/UFMG) e de Paris XIII, bem como da Universidade de Paris III.

Cabe ainda acrescentar que o NAD foi agraciado com duas Bolsas da *Escola de Altos Estudos* da CAPES. A primeira, em 2007, permitiu que aqui trouxéssemos a renomada pesquisadora em Argumentação e AD, Professora Ruth Amossy, da Universidade de Tel Aviv (Israel); a segunda, em 2012, coube ao Professor Patrick Charaudeau, de Paris XIII, que, como foi mencionado anteriormente, é um dos fundadores do NAD e tem-se mostrado, durante todo esse tempo, um grande incentivador e parceiro dos integrantes do referido grupo de estudos.

Já foram realizados quatro grandes Simpósios Internacionais sobre a AD, todos eles organizados por membros do NAD. O último, que deu origem ao conjunto de artigos que compõe o presente número da *Revista de Estudos da Linguagem* (RELIN), teve como eixo temático “discursos e desigualdades sociais” e ocorreu em setembro de 2016. Nele reuniram-se, em torno do tema proposto, pesquisadores de vários países e estados do Brasil, com suas diferentes metodologias de trabalho e suas diferentes visões do discurso.

Para nós, do NAD, a AD é uma disciplina viva e que sempre acompanhou *l’air des temps*. Infelizmente, no mundo atual, os casos de desigualdade em diferentes setores da sociedade só têm aumentado e, como não poderia deixar de ser, o discurso se mostra como um lugar privilegiado para acolher essas manifestações. Foi, portanto, de forma natural e espontânea que acreditamos ser necessário conceber um simpósio internacional de AD que abrisse espaço para a reflexão em torno desse tema. Na próxima seção, explicaremos a proposta do evento mais detalhadamente.

## 2 Algumas palavras sobre o IV SIAD e seu eixo temático

O IV Simpósio Internacional sobre AD: discursos e desigualdades sociais, ao conceber como tema o estudo das desigualdades existentes em diversos setores da vida social, teve como objetivo maior levar professores, alunos e pesquisadores em Análise do Discurso e disciplinas afins a refletir sobre as vozes que, em nossa sociedade de consumo, são desconsideradas, menosprezadas, apagadas.

Assumimos, assim, com Lara e Limberti (2015, p. 7), que a História é, em geral, contada do ponto de vista do dominador, sendo a voz do outro – o dominado – abafada, silenciada, uma vez que esse *outro* – o “diferente” – incomoda, ameaça a identidade do grupo dominante e, por essa razão, deve ser excluído (ou, em alguns casos, assimilado ao grupo, perdendo, nesse movimento, características que lhe são próprias, inclusive sua própria “voz”). Poderíamos, na esteira de Ducard (2015), chamá-los de “sem voz” (“*sans paroles*”). Essa expressão se dirige, pois, àqueles cuja “fala” foi/tem sido socialmente excluída, fazendo-se, por vezes, representar pelos locutores legítimos (em geral, os do grupo dominante).

Diante desse quadro, quisemos, por meio da proposta do IV SIAD, trazer à baila a voz desse *outro* que, por algum motivo (questões econômicas, culturais, políticas, raciais etc) permanece ainda inaudível para uma parte significativa da sociedade. A exclusão – e são muitos os excluídos – passa, assim, pela cor da pele, pela nacionalidade, pelas crenças religiosas, pelo sexo, enfim, passa “por tudo aquilo que não se enquadre no *conforme*, no *belo* e no *limpo* exigidos por uma sociedade cada vez mais voltada para o *parecer* que para o *ser*” (MACHADO, 2015, p. 131; grifos do original).

Temos notado que, entre os vários problemas relacionados à exclusão, à segregação, encontram-se os problemas identitários, os problemas da falta de espaço, os problemas do preconceito e da intolerância que os indivíduos vivenciam no seu dia a dia. Tal segregação pode ocorrer de forma aberta ou velada, sendo esta talvez mais perversa do que aquela, justamente por significar, simulando que não significa. “Afinal, afirmar que se aceita o *outro*, mas querê-lo convenientemente à distância, confinado em seu ‘próprio’ espaço, não é aceitação real.”, como sustentam Lara e Limberti (2015, p. 7). Porém, por mais que nos esforcemos em negar a presença (incômoda) desse *outro* – já que

“diferente” de nós –, ele está em todos os lugares; é fundamentalmente um problema social, mas que traz em seu bojo, como vimos, outros fatores: históricos, políticos, econômicos e, por que não dizer, discursivos.

De acordo com Charaudeau (2015), nossa identidade se constrói sobre um paradoxo: precisamos do *outro* na sua diferença para tomar consciência de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, desconfiamos dele, sentimos a necessidade seja de rejeitá-lo, seja de torná-lo semelhante a nós para eliminar essa diferença. Van Dijk (2015), por sua vez, fala de uma espécie de polarização *nós/eles*, caracterizada, do ponto de vista discursivo, por uma estratégia geral de autoapresentação positiva e de apresentação negativa do *outro*, o que pode ser comprovado por meio dos temas mobilizados (ou silenciados), dos itens lexicais escolhidos, das metáforas, das estratégias argumentativas, das imagens/representações, entre muitas outras propriedades do discurso.

Se aqueles (*outros*) a quem se atribui uma diferença político-ideológica, como os índios, os negros, os imigrantes, sofrem, no contato sociocultural, dificuldades de inserção e de aceitação, eles não são os únicos que padecem desse mal. São apenas a ponta de um *iceberg*, em cuja base se encontram outras categorias, como os homossexuais, os idosos, os pobres, os deficientes, “enfim, toda uma legião de segregados, aqueles que, segundo a posição do dominador, não deveriam existir” (LARA; LIMBERTI, 2015, p. 8).

Cabe esclarecer que o tema proposto para o IV SIAD não teve como aspiração construir “uma sociologia do gosto e das formas de julgamento das classes populares” (EMEDIATO, 2016, p. 199). A visada do Simpósio foi bem mais ampla: a de provocar discussões que mostrassem quais são os sujeitos “invisíveis” (e “inaudíveis”) aos olhos da sociedade e que ações têm sido realizadas para dar, gerir e representar a voz dos habitualmente “sem voz”, seja ouvindo os próprios sujeitos marginalizados socialmente, seja ouvindo aqueles que falam por eles: seus diferentes porta-vozes. Organizamos um encontro que se mostrou capaz de, ao mesmo tempo, examinar as diferentes estratégias discursivas mobilizadas para representar ou, mais frequentemente, para apagar essas vozes marginais e, além disso, apreender/avaliar as ferramentas teórico-metodológicas apresentadas pelos diferentes participantes, a fim de que se possa lidar com o problema em foco ou pelo menos dele tomar consciência.

A partir do congresso, convidamos os conferencistas e os participantes de mesas-redondas a submeterem seus textos à *Revista de Estudos da Linguagem* (Poslin/FALE/UFMG), para publicação de um número temático, referente ao ano 2016. Grande parte deles atendeu ao nosso apelo. São esses textos que agora temos o prazer de apresentar ao leitor. A publicação do presente número temático da RELIN, com textos oriundos do IV SIAD, vem, assim, consolidar o sucesso do evento, como se verá na próxima seção.

### **3 Os artigos do número temático da *Revista de Estudos da Linguagem* (RELIN)**

Algumas palavras prévias sobre os artigos que formam este número da RELIN são necessárias. Temos aqui um *échantillon*, uma pequena, mas – acreditamos – significativa mostra do que foi o *IV Simpósio Internacional sobre Análise do discurso*. São, no total, 15 artigos assinados por diferentes pesquisadores, de distintos países (Brasil, França, México), com diferentes pontos de vista sobre os discursos e as desigualdades sociais, cada um com seu estilo, cada um com sua metodologia de analisar discursos.

Para começar temos um artigo escrito por Roberto Leiser Baronas e Jorcemara Matos Cardoso, ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - SP. Nesse artigo, a partir da constatação de que as mídias, em geral, com base no argumento de interesse público, não cessam de orquestrar e de difundir polêmicas das mais variadas naturezas, os pesquisadores discorrem sobre a polêmica gerada pela liberação de um medicamento anticancerígeno no Brasil.

Na sequência, encontra-se o texto de Leonor Lopes Fávero, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Nele, a pesquisadora, com base História das Ideias Linguísticas e na História Cultural, refaz o árduo caminho do ensino primário no Brasil do Império até os dias de hoje. Sua contribuição ressalta, assim, a interface que Análise do Discurso cultiva com a História.

Escrito a quatro mãos por Denize Elena Garcia da Silva e Ana Cláudia Camargo Carvalho, ambas da Universidade de Brasília (UnB), o artigo seguinte discute a atual proposta de redução da maioria penal no Brasil, tomando por base discursos de jovens adolescentes (des)favorecidos e analisando-os a partir do instrumental teórico da ACD (Análise Crítica do Discurso).

Alain Rabatel, da Universidade de Lyon I (França), analisa a relação entre desigualdades sociais e invisibilidade e discute alguns exemplos de luta por reconhecimento que afeta a existência de sujeitos marginalizados no contexto francês atual. Interroga-se igualmente sobre as precauções que devem ser tomadas para que a Análise do Discurso dê conta da invisibilidade social, quando esta é duplicada pela invisibilidade midiática e linguística.

O quinto artigo, assinado por Dominique Ducard, da Universidade Paris-Est Créteil (França), busca mostrar, com base em textos de historiadores e de (socio)linguistas, como a língua francesa, nos diferentes momentos de sua evolução, é atravessada pela ideia de uma divisão social, na qual a “língua popular” (identificada a uma dada classe social) é desvalorizada. O autor discorre sobre a noção de língua e de sua imagem na consciência linguística dos sujeitos, o que acaba por levá-lo à questão da instituição social da língua. Mostra ainda que a língua comum, plural e diversificada do discurso histórico e linguístico se faz acompanhar de uma referência a uma língua padronizada, instituída pela escola.

A “questão urbana” que, já há algum tempo, angustia a França é a do jovem habitante suburbano, que não é visto com bons olhos por alguns franceses. Eis o tema do artigo de Guy Lochard, da Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle (França), que nos convida, assim, a visitar a *banlieue* (subúrbio francês). O artigo busca evidenciar a gênese e as transformações desse personagem estereotípico, assim com a construção e os deslocamentos de grandes “configurações actanciais” que ele ajuda a estruturar.

Já o artigo escrito por Marisa R.T. Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais, expõe três perspectivas diferentes para abordar problemas sociais e desigualdades, ligados à política e à educação brasileiras. A autora constata que cada perspectiva parte de ideias distintas para o estudo do fenômeno do “poder”, organizando, ao longo do tempo, conceitos, categorias e discursos próprios. Conclui que as apropriações dessas abordagens nos estudos de política educacional têm consequências para as análises das relações entre educação e desigualdades, podendo produzir tanto efeitos de confinamento, quanto de hibridismo. Trata-se, pois, de uma contribuição amparada em um sólido estudo sociológico e político.

Voltando à França, temos dois artigos assinados, respectivamente, pelos pesquisadores Jean-Claude Soulages, da Universidade Lumière-

Lyon II, e Claude Chabrol, professor honorário da Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle, que expõem casos ligados às mídias. Se cada autor tem seu próprio estilo e suas próprias bases teóricas, eles se aproximam, porém, em dois aspectos fundamentais: abordam as noções de gênero/*gender* (feminino e masculino) e tratam da questão da estereotipagem, tomada como um elemento sempre perigoso, já que passível de contribuir para a discriminação.

Também ligado às noções de gênero social, como os artigos precedentes, o texto assinado pelos colegas mexicanos, professores da Universidade Autônoma de Nuevo León, María Eugenia Flores Treviño e José Maria Infante Bonfiglio, discorre, em uma perspectiva transdisciplinar (comunicativo-pragmática e discursivo-ideológica), sobre três casos de discriminação, divulgados na imprensa mexicana, contra mulheres que se candidataram às eleições de 2015, no estado de Nuevo León (México).

As pesquisadoras brasileiras Viviane Resende, da Universidade de Brasília (UnB), e Dylia Lysardo-Dias, da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), propõem dois artigos que, embora mobilizem distintas teorias discursivas, abordam, basicamente, a mesma questão: problemas ligados a moradores de rua. O artigo de Viviane Resende centra-se na problemática da representação que é feita desses sujeitos no jornalismo *on-line*, enquanto o de Dylia Lysardo-Dias, que também se apoia nas mídias sociais digitais, discute a possibilidade de usar essas novas tecnologias para auxiliar os moradores de rua, no sentido de torná-los (e de tornar suas narrativas de vida) mais visíveis para a sociedade que os marginaliza.

Em seguida, temos o artigo de Sophie Moirand, da Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle (França), que nos leva à Europa e aos seus atuais problemas e preconceitos contra os migrantes e refugiados. No artigo, que enfoca o período de 2015-2016, a pesquisadora discute as relações de identidade e de desigualdade por que passam essas pessoas e mostra, por meio de vários exemplos, como é sua representação em diversos jornais franceses.

O texto assinado por Paulo Henrique A. Mendes e William A. Menezes, ambos da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), por sua vez, retrata o difícil caminho percorrido por habitantes da cidade de Mariana e seus arredores, que foram vítimas, em 2016, do rompimento da barragem de rejeitos Fundão da mineradora Samarco. A partir desse

quadro, focaliza práticas discursivas inscritas no jornal *A Sirene*, que é produzido pelos próprios atingidos (com a colaboração dos coletivos #UmMinutoDeSirene e NITRO), servindo de ferramenta de comunicação e de mobilização entre eles.

Este número da revista termina com o artigo de Sírio Possenti, da Universidade de Campinas (UNICAMP), que propõe, com base em dicionários políticos e de línguas, um estudo detalhado – e também pincelado de ironia – sobre o termo “golpe”, no contexto do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Busca, assim, elucidar algo que toca, de certo modo, na questão do gênero social, no caso, o feminino.

Como o leitor poderá notar, os artigos aqui apresentados, em seu conjunto, fornecem uma imagem da interdisciplinaridade – ou mesmo da transdisciplinaridade – com que trabalha o Núcleo de Análise do Discurso (NAD) e, por conseguinte, mostram a forma como o *IV Simpósio Internacional*, promovido pelo referido Núcleo, respeitou e acolheu todas as metodologias com as quais a AD trata os diferentes *corpora* a ela submetidos, a partir da visão que dezenove pesquisadores, em quinze artigos, deram ao tema do Simpósio.

Nesse sentido, concordando com a posição de Maingueneau (1995), reafirmamos o que já dizíamos no prefácio do primeiro volume da coletânea *Análises do Discurso hoje*, publicado em 2008: a constatação de que o termo “análise do discurso” deve ser usado no plural, uma vez que essa disciplina recobre uma vasta gama de correntes teóricas – cada uma delas com sua especificidade –, mas debruçando-se todas sobre um objeto comum: o texto, o discurso, o que lhes confere uma certa unidade na diversidade (LARA; MACHADO; EMEDIATO, 2008, p. 7). Assim, essa diversidade, longe de desmerecer a AD, faz dela uma das disciplinas mais profícuas, na atualidade, para o entendimento das relações que se estabelecem entre o discurso e a sociedade.

## Referências

CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-30.

DUCARD, D. *Projeto COFECUB*. Paris: Céditec/Université Paris-Est-Créteil, 2015. (Inédito)

EMEDIATO, W. Representações discursivas das mídias sobre as favelas. In: LARA, G. M. P.; LIMBERTI, R. de C. P. (Org.). *Representações do outro*. Discurso, (des)igualdade e exclusão. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 187-204. Coleção NAD.

LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. Apresentação. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 7-11

LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. Prefácio. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008. v. 1. p. 7-10.

MACHADO, I. L. Narrativa de vida e construção da identidade. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 129-142.

MAINGUENEAU, D. Présentation. In: MAINGUENEAU, D. (Org.). *Les analyses du discours en France*. *Langages*, n. 117, p. 5-11, mars 1995.

VAN DICK, T, A. Discurso das elites e racismo institucional. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Org.) *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 31-48.

